REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 492

21 DE AGOSTO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Abrimos a nosso chronica de hoje com uma noticia triste, que nem por ser de ha muito esperada, infelizmente, deixou de ser muito sentida:— a noticia da morte de Aristides Abranches.

Os jornaes que de ordinario se desentranham em columnas e columnas de elogios, de informações, de minuciosidades, a respeito de tudo e de todos, foram na maioria d'um laconismo estranho e injusto a respeito de Aristides Abranches e da sua morte.

A respeito d'elle meia duzia de linhas, sem uma nota de biographia pessoal ou litteraria, a respeito da sua obra theatral, meia duzia de informações, algumas d'ellas erradas, como por exemplo a de ser d'elle a traducção do *D. Cesar de Bazan*, que vem em quasi todos os jornaes e que é inexacta, pois a a traducção do *D. Cesar de Bazan* é do conde de Monsaraz, a respeito da sua doença, da sua morte, nem o mais pequeno promenor!

Foi profundamente injusta, n'este seu laconismo para com Aristides Abranches, a imprensa de Lisboa. Aristides Abranches conquistára bem pelo seu talento, pelo seu trabalho presistente de muitos annos, pela posição que occupava na nossa vida theatral, o direito de ser mais fallado e mais chorado; merecia bem que se gastasse mais palavras com a sua morte, hoje principalmente em que a febre da noticia, da informação, da *reportage* tem feito com que se gaste para ahi tanta tinta com ruins defunctos e com vivos mais ruins ainda.

Foi injusto esse silencio que se fez em torno do cadaver de Aristides Abranches, mas comprehende-se e explica-se perfeitamente. Aristides Abranches sobrevivera á sua epoca brilhante, que a teve nos theatros de Lisboa, e a maior parte dos que hoje escrevem nos jornaes não o conheceram senão como ensaiador do theatro de D. Maria e traductor de uma ou d'outra comedia que ali se dava pelo Carnaval; não o viram nem o applaudiram, quando o seu reportorio enchia quasi todos os theatros de Lisboa, quando todas as noites as plateas o applaudiam e victoriavam, pelas suas peças, no Gymnasio, na Trindade, no Principe Real, na Rua dos Condes.

Quando eu entrei no mundo dos bastidores estava Aristides Abranches em toda a plenitude da sua nomeada. Elle e Rangel de Lima eram os auctores queridos do publico, eram elles quem davam as cartas nos theatros de Lisboa.

Rangel de Lima trabalhava muito, traduzia peças para todos os theatros, mas fazia tambem originaes, e alguns de grande valor e que tiveram ruidoso successo como a *Condessa do Freixial*, a *Pedra de Escandalo*, *Como se enganam mulheres*, *Criados, patrões e agiotas*, etc.

Aristides Abranches não trabalhava menos, mas a producção original não o tentava tanto, ou a sua situação pecuniaria deixava-lhe menos tempo para trabalhos mais pensados, mais demorados, e por isso apparecem pouco os trabalhos originaes na sua obra theatral, quasi na sua totalidade composta de traducções, de imitações, de *arreglos*.

N'esses *arreglos* porém, n'essas imitações, denunciava-se brilhantemente o seu grande saber theatral, o conhecimento que tinha do gosto do publico, a sciencia do *metier*, e em todas as peças que passavam pelas suas mãos, mechia-lhes, alterava-as, accommodava-as ao nosso gosto, aos nossos theatros, aos nossos artistas e d'ahi o successo enorme que quasi todas ellas alcançavam, successo que durante muitos annos o fez estar como se costuma dizer no galarim.

No Gymnasio antigo, o Gymnasio do Romão e do Braz Martins, o reportorio durante muitos annos foi quasi exclusivamente de Aristides Abranches e Rangel de Lima, e no theatro da Trindade, durante os seus primeiros annos, Aristides Abranches foi quasi que exclusivamente o traductor e arranjador das operas comicas e das magicas.

Homem de theatro até á raiz dos cabellos, conhecendo a fundo todo o theatro moderno francez e hespanhol, trabalhando com uma grande facilidade e uma grande felicidade, as empresas confiavam plenamente no seu bom gosto, na sua boa arte de *arreglador*, entregavam-lhe o seu reportorio, e Aristides Abranches mostrou sempre com os seus exitos que não era mal collocada essa confiança.

É claro que ao lado de peças de grande successo teve quedas e algumas quedas ruidosas, mas isso só não acontece a quem não trabalha para o theatro; são os espinhos d'essa vida tão gloriosa mas onde a mais ruidosa ovação está sempre de paredes meias com o mais desastroso fiasco.

Uma d'essas quedas, já quasi no fim da sua carreira, foi que o levou a afastar-se completamente do theatro militante: o fiasco da *Sexta parte do mundo*, peça de grande espectaculo que deu na Trindade e que cahiu desastradamente na primeira noite, com

JOÃO IGNACIO FERREIRA LAPA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS. — FALLECIDO EM 4 DO CORRENTE.

(Segundo uma photographia de Fritz

uma pateada monumental que o desgostou profundamente.

Já cançado pelos trabalhos, pela dura lucta pela vida, pelas semsaborias que nos bastidores se succedem sempre aos desastres, Aristides Abranches deixou-se de trabalhar em peças, dedicou-se todo aos seus trabalhos de ensaiador e director technico de D. Maria, e só por excepção rara ahi traduzia uma ou outra peça de que a empreza o encarregava.

São tão numerosas as peças traduzidas ou arranjadas por Aristides Abranches que nem por momentos pensamos sequer em recordar o nome de todas ellas.

Entretanto houve umas que pelo seu extraordinario successo se salientaram, como por exemplo *Os medicos*, que o grande Taborda immortalisou, o *Rouxinol das salas*, uma das glorias mais brilhantes de Anna Pereira, o *Amar sem conhecer*, os *Fructos d'ouro*, a *Fedora*, *A vida em familia (Aux crochets d'un gendre)*, *Metter-se a redemptor*, *A noiva de Florestano*.

E vejam lá, se eu mesmo que fui amigo pessoal de Aristides Abranches e seu collega no ministerio do reino, durante deseseis annos, se eu que o conheço como auctor dramatico ha cerca de trinta, ao citar as suas peças, cito de preferencia as mais modernas, porque não tenho de memoria as outras, como poderia a maior parte dos rapazes que escrevem nos jornaes, que só conheceram Aristides Abranches depois d'elle se ter retirado da vida activa de escriptor dramatico, fallarem d'essas peças que elles nunca viram nem conheceram!

Aristides Abranches apesar de ser tão antigo no theatro não era velho na edade, nem antigo no gosto litterario. Não sei ao certo a idade que elle tinha mas devia andar entre os cinncoenta e sessenta, mais novo do que Francisco Palha de quem era um grande amigo e de quem por muitos annos foi companheiro na *Direcção Geral de Instrucção Publica* e no theatro da Trindade, primeiro como auctor, mas auctor intimo, d'aquelles que não se limitam a levar a peça, que são consultados e ouvidos sobre a escolha de reportorio e depois como ensaiador.

Francisco Palha tinha pelo Aristides Abranches profunda estima, e considerava muito a sua opinião e a sua sciencia theatral.

E effectivamente a opinião de Aristides Abranches era sempre em questões de theatro uma opinião de peso.

Muito intelligente, muito illustrado, muito artista, e muito serio, honrado, leal, tendo a grande qualidade de apesar de viver sempre em theatro, sempre se conservar alheio e superior ás intrigas de bastidores e aos *cancans* dos palcos, Aristides Abranches era quasi que um oraculo em assumptos theatraes.

No theatro de D. Maria prestou elle relevantes serviços — ainda ha poucas semanas me fallava n'isso com o maior elogio o João Rosa — principalmente como amigo, como conselheiro, com o seu grande bom senso, a sua enorme practica de theatro, o seu espirito essencialmente conciliador que não sabia fazer se não amigos, que tinha a rara habilidade de desfazer inimizades e de fazer amigos dos inimigos mais irreconciliaveis.

Aristides Abranches succumbiu a uma tysica pulmonar.

Ha dois annos estivemos muito tempo sem ir á caixa do theatro de D. Maria. Quando lá fomos e vimos o Aristides Abranches que não viamos havia seis mezes cahiu-nos a alma aos pés.

Era a sombra do que tinha sido, parecia um cadaver em pé e fizemos um esforço enorme para lhe occultar a profunda e dolorosa impressão que a sua vista nos produzira.

Não era preciso ser medico para vêr que o pobre Aristides não podia durar muito tempo. A morte tinha-o já marcado com a sua chancella terrivel, e a nossa surpreza foi elle durar ainda tanto tempo.

Ha cerca de dois mezes encontramol-o á porta do theatro. A doença continuava o seu caminho e elle devia sabel-o porque durante muitos annos secretario da Junta de Saude, vivendo na intimidade de medicos, era já um bocado medico elle proprio. Se o sabia porem tinha a coragem de o occultar; fallava pouco da sua doença não lhe ligando importancia grande, e cavaqueava com a mesma alegria d'outr'ora, contando sempre a sua historia de theatro, a sua anedocta, que sabia tantos e tão engraçadas, que dariam um volume delicioso da historia anedoctica do theatro portuguez na segunda metade do seculo XIX.

Apesar de preparados de ha muito para a noticia da sua morte, essa noticia surprehendeu-nos tristemente quando a lêmos na *Tarde*. Sabiamos que Aristides Abranches estava condemnado, mas a morte tinha prorogado tanto a sentença que imaginavamos que essa prorogação se demorasse.

Não demorou, pobre Aristides Abranches! e a augmentar a saudade enorme que me causou a sua morte tive o desgosto de por doente, não poder ir acompanhal-o ao cemiterio, prestar a minha ultima homenagem ao querido amigo, ao estimado companheiro.

Que descance em paz!

*
* *

O grande acontecimento da semana foi a inauguração da praça de touros do Campo Pequeno, que se realisou na quinta feira 18.

Ha quatro annos que fôra condemnada a praça do Campo de Sant'Anna e portanto ha quatro annos que Lisboa não tinha touradas, um dos seus divertimentos favoritos, e comprehende-se bem depois d'esse longo descanço o enthusiasmo, com que o publico correu á tourada de quinta feira, accrescendo a circumstancia excepcional de se tratar d'uma praça nova, elegante — coisa que Lisboa nunca teve — solida, de grandes dimensões e pelo risco da grande praça de touros de Madrid.

Não pudemos assistir á inauguração da praça, que não está ainda concluida, mas que nos dizem ser lindissima e produzir um effeito brilhante cheia de espectadores.

Iremos vel a n'uma das proximas corridas que já se annunciam e então daremos conta das nossas impressões.

Gervasio Lobato.

JOÃO IGNACIO FERREIRA LAPA

Não é uma biographia que vamos escrever; falta-nos a competencia e os elementos para descrever a vida de um vulto da grandeza do illustre extincto: mas simplesmente o cumprimento de um dever a que nos julgamos obrigados pela amisade e pela gratidão, pobre e mesquinho tributo que podemos pagar á memoria d'aquelle que em vida nos distinguiu com as mais apreciaveis provas de bom amigo, o que nos faz, n'este momento, esquecer a modestia da nossa pena, para em pobres e mal ataviadas phrases fazermos este humilde, mas sincero elogio.

Valle só porque é o coração que o dita, e por isso seja-nos relevada a pobreza da offerta, entre os elogios academicos a que o sabio e talentoso professor tem jus, pelos excepcionaes dotes da sua intelligencia, pelos seus relevantes serviços prestados á sciencia e á agricultura de Portugal, e pelas inexcediveis qualidades de caracter bom, quer na sua vida publica, quer na sua vida particular.

Foi por 1861 que conhecemos Ferreira Lapa. Tratava-se então de preparar em Lisboa os productos que deviam ir figurar na exposição de Londres de 1862, e nas regiões officiaes trabalhava-se com afan, para que os differentes estabelecimentos do Estado se representassem dignamente n'aquelle grande certamen.

O Instituto Agricola, fundado havia apenas cinco annos, e tendo tido por seu primeiro director José Maria Grande, contava em o numero de seus professores Ferreira Lapa antigo lente que viera da extincta Escola de Veterinaria. A dedicação e sciencia d'este professor, que tanto havia de concorrer para o brilho e utilidade d'aquelle estabelecimento de ensino, foi tambem a que mais contribuiu para a bella collecção de productos e estudos que o Instituto Agricola enviou á exposição de Londres.

Em aquella collecção figurou um estudo sobre os trigos portuguezes composto de vinte e nove typos diversos, estudo feito por Ferreira Lapa de collaboração com João de Andrade Corvo, e que foi dos mais notaveis trabalhos que se apresentaram n'aquella exposição, merecendo a medalha de ouro.

A parte illustrada d'este estudo, e que constava dos desenhos e gravuras de vinte e nove espigas de trigo correspondentes a vinte e nove especies differentes, fomos nós convidados a desempenhar, e quem nos procurou para isso foi Ferreira Lapa, que só então conhecemos.

Desempenhámo nos como podemos do encargo que nos fôra confiado e por fortuna o nosso trabalho agradou tanto a Ferreira Lapa como a todos os entendidos no assumpto, dizendo estes que bastava vêr a gravura para logo reconhecerem a especie de trigo que representava, tal era a fidelidade que lhe encontravam. Para este resultado, que estava acima das nossas forças, muito concorreu Ferreira Lapa, que alem de ser um homem de sciencia era tambem um artista por indole e por estudo, conhecendo perfeitamente a arte embora a não praticasse.

Antes dos productos e estudos agricolas irem para Londres, houve uma exposição dos mesmos nas salas do Instituto Agricola que foi inaugurada por El-rei D. Pedro V. Nós fomos convidados para assistir a essa inauguração, e entre as muitas amabilidades que nos dispensaram, Ferreira Lapa levou-nos a vêr o seu laboratorio de chimica onde nos obsequiou com um calix de vinho do Porto especial.

— Beba, nos disse elle rindo; é possivel que ainda tenha que fazer algumas gravuras de uvas, e para que seja tão feliz com ellas como foi com os trigos, será bom que conheça o melhor licor que d'ellas se extrae.

E de facto. O vinho que nos deu era um nectar delicioso como ainda até hoje não tornámos a provar.

Da convivencia que então tivemos com Ferreira Lapa, nasceu a amisade, que nunca mais esmoreceu, embora passados annos deixassemos de estar mais em contacto, pela falta de obras em que fosse preciso o nosso buril, e só nos avistassemos de tempos a tempos.

Duraram porém um bom par de annos as nossas relações mais frequentes, porque pouco tempo depois do *Estudo Agronomico, Commercial e Chimico de Vinte e Nove Typos de Trigos Portuguezes*, começava Ferreira Lapa a sua *Technologia Rural* e nós eramos encarregados de fazer as gravuras d'essa grande obra, que levou cerca de tres annos em laboração.

Durante este tempo melhor podemos conhecer as superiores qualidades de espirito e de coração do eminente professor, tão accessivel e insinuante no trato, como profundo e solido no saber. Como elle nos explicava qualquer duvida qne tivessemos sobre a execução do nosso trabalho; era uma prelecção facil, comprehensivel e elegante, que nos suggeriu por vezes o desejo de irmos estudar a sciencia agricola, e ouvir as suas lições substanciosas, a que elle sabia dar toda a amenidade e ao mesmo tempo todo o interesse, que sem fatigar o espirito do leccionado lhe calava profundamente com util e proficuo aproveitamento.

Depois da *Technologia Rural*, de que passados poucos annos fez segunda edição augmentada, seguiram-se *Processos de Vinificação*, *Relatorio da Missão Agricola da Provinciado Minho*, *Compendio de Physica e Chimica*, *Relatorio da Exposição de Paris de 1878* da parte agricola etc., e de todas estas obras Ferreira Lapa nos encarregou as gravuras de que precisava.

Foi, portanto, de um largo periodo de annos as nossas relações mais estreitas e quando mais affastados, ainda elle nos dirigia uma carta, em que affirmava a sua velha amisade, e em que essa amisade via em nós meritos que não temos e que só a excessiva bondade do seu coração nos podia attribuir.

Essa carta, que nós conservamos como a mais consoladora recompensa do nosso humilde trabalho, dos enormes sacrificios que temos feito, e das innumeras difficuldades com que temos tido de luctar pelo nosso OCCIDENTE, é a seguinte:

Meu antigo e bom amigo. — Desde o primeiro numero que se publicou do seu OCCIDENTE que V. me tem mandado sem interrupção até hoje todos quantos numeros tem saido d'esta, a todos os respeitos, magnifica publicação. N'ella tenho admirado os seus trabalhos de artista, e tanto ou mais do que elles os seus numerosissimos e variados artigos, que lhe dão já o logar merecido entre os nossos escriptores mais distinctos. De sorte que o OCCIDENTE é ao mesmo tempo um monumento de arte e de litteratura, honra do paiz, e gloria do nome de v. e de quantos n'elle tem cooperado.

Assistindo dia a dia ao progressivo crescimento d'este seu extremoso filho, é realmente para extranhar que não tendo v. uma só vez deixado de me testemunhar a sua amizade, mandando entregar-me todos os numeros publicados, eu não haja agradecido tanta constancia n'estas successivas provas de consideração, de cavalheirismo e de generosidade, muito proprias e naturaes do seu nobre e bondoso coração, mas bem mal merecidas da minha parte.

Venho pois penitenciar-me d'esta gravissima falta; e se ainda cabe, como espero, no sua longanimidade, exorar o perdão d'esta mudez de longos annos que poderá ter sido um esquecimento de deveres, mas não ingratidão ao beneficio recebido.

Digne-se continuar-me a sua inalteravel affeição, comprehendendo-me no numero dos seus

velhos amigos e mais sinceros admiradores de seus talentos e merecimentos preclarissimos.

16—3—91.

Amigo, admirador, etc.
João Ignacio Ferreira Lapa.

Pouco mais de um anno depois de recebermos esta carta, recebiamos a noticia do passamento do velho amigo que nol-a dirigira, e nós por uma d'aquellas contrariedades que tantas vezes na vida se oppõem ao cumprimento de um dever, não lhe podemos ir dizer o derradeiro adeus junto da sua sepultura. Um incommodo pertinaz de saude nos deteve em casa precisamente no dia em que o corpo do nosso querido amigo baixava ao tumulo.

* * *

Foi incontestavelmente uma grande perda nacional a morte do sabio professor, que soube fazer da agricultura, em Portugal, uma sciencia quasi desconhecida no paiz, apezar dos esforços empregados por Brotero e por Trigoso, no primeiro quartel d'este seculo para a creação do ensino agronomico.

Elle foi um dos primeiros professores do Instituto Agricola, quando este estabelecimento se fundou, e foi, por assim dizer, o organisador dos estudos d'esta escola de ensino, percorrendo todas as cadeiras até occupar o logar de director da escola, em 1870.

Entre os homens que mais se tem distinguido n'este ramo da sciencia, desde José Maria Grande, de João de Andrade Corvo, de Beirão de Teixeira, de Moraes Soares e de Antonio Augusto de Aguiar já fallecidos, de Silvestre Bernardo Lima, de Barbosa Bocage, do Conde de Ficalho e outros mais, distinguia-se Ferreira Lapa, como homem devotado inteiramente á sua sciencia, alheio e extranho a todas as mais questões, muito especialmente á politica, que nunca teve artes de o seduzir por mais que o provocasse.

Acceitou o ser par electivo, porque a sua posição quasi que a isso o obrigou, mas as questões parlamentares não mereceram as suas attenções; frequentou pouco a camara e reconheceu que era muito mais util á patria o trabalhar no seu gabinete, na vulgarisação incessante dos conhecimentos agricolas ou que com a agricultura se prendem.

Assim conseguiu produzir as suas notaveis obras, em que avulta principalmente a sua *Technologia Rural*, em que reuniu opulento e precioso cabedal de conhecimentos agricolas desde o torrão e da semente fecundante até á grande variedade de productos que d'elles se originam.

Esta sua grande obra operou uma revolução na agricultura portugueza! Ensinou ao agricultor todos os processos modernos da industria agricola; poz-lhe diante dos olhos toda a moderna alfaia agricola que veio pôr fóra de combate os velhos arados e modificar inteiramente os trabalhos do campo com grande economia de braços e augmento de producção; revelou novas riquezas a extrahir da terra, e novas industrias a produzir da materia agricola, e ensinou tudo isto com tal sciencia e arte, com tanta convicção e verdade, que a sua obra fecundou, aproveitou realmente, e deu lhe a rara satisfação de vêr o seu trabalho coroado, porque todo o progresso agricola no paiz se lhe deve em grande parte.

Ora considerando a industria agricola a primeira, a principal d'este paiz, Ferreira Lapa foi muito mais util, muito mais patriota, muito mais digno da veneração dos seus concidadãos, promovendo com o seu incessante trabalho o progresso e aperfeiçoamento d'aquella industria, do que se se tivesse esterilisado, vilipendiado, maculado, nas luctas da politica, nas regiões do poder.

Assim ninguem lhe poderá discutir e desvirtuar a utilidade da sua obra, cabe lhe antes a gloria dos grandes sabios da sciencia, porque ensinou a conhecer as riquezas da terra; cabe-lhe a gloria immaculada dos grandes poetas porque os seus livros são como poêmas que o povo decora e onde aprende a ser feliz pelo trabalho, fonte de todos os bens.

E é assim que á beira do tumulo de Ferreira Lapa, um distincto orador, o sr. Elvino de Brito, faz já o elogio da historia ao benemerito professor:

. . . .

«A's gerações vindouras attestará ella que a modesta criança, caridosamente amparada na Real Casa Pia de Lisboa, no anno de 1834, sob o numero 2:802 de matricula, tornou-se, mercê de privilegiado talento e esforçado trabalho, o mais devotado vulgarisador da sciencia agronomica, o prestimoso defensor da lavoura nacional, o sapientissimo mestre, que poderosamente contribuiu, mais que nenhum outro, para que a agricultura do paiz occupasse o seu actual posto de honra, oppondo, com o seu verbo finamente eloquente, a persuasão e o exemplo á descrença e á hostilidade que por largo tempo a detiveram na sua evolução progressiva, e promovendo o recente movimento reformador em pró das instituições agricolas, que elle entranhadamente amou e em volta das quaes deixa hoje ficar, felizmente, em sua guarda e defeza, legiões de crentes, illustrados e valiosos.

Devotado fervorosamente á causa agricola poz ao serviço d'ella a sua intelligencia potente e lucida, estudando profundamente a sciencia agronomica nos seus principios e nas suas applicações uteis á lavoura nacional. Percorreu o paiz, examinou o estado da sua agricultura, as suas mais instantes necessidades, as suas legitimas aspirações. Estudou e exemplificou, e fel-o pausadamente, com a consciencia de que assim caminhava mais seguro, podendo mais facilmente levar a luz do convencimento ao seio das populações ruraes. Alliando a theoria á pratica, cultivando superiormente a primeira e exercitando conscienciosamente a segunda, completou a sua instrucção, firmando-a em bases solidas, porque eram cimentadas pela experiencia e observações proprias. D'ahi o eximio professor, cujo renome echoou em todo o paiz e nas academias estrangeiras, e tambem o abalisado escriptor, que produziu as admiraveis obras sobre chimica e industrias, todas de subido valor, tão elegantes na fórma como completas na essencia, deleitando e instruindo a um tempo com o poder de communicabilidade especial e irresistivel, só previlegiado a espiritos superiores e selectos.»

. . . .

* * *

João Ignacio Ferreira Lapa nasceu em 1823 na villa de Ferreira de Aves concelho de Satão, na provincia da Beira Alta. De berço humilde e orphão de pae ainda na infancia, veio a educar para a Real Casa Pia de Lisboa, onde o seu pouco vulgar aproveitamento revelou desde logo excepcionaes dotes de intelligencia, e de tal modo que, concluidos os estudos d'aquella escóla, proseguiu, subsidiado pela mesma Casa Pia, estudos superiores no, então, Collegio dos Nobres, d'onde passou á antiga Escóla de Veterinaria, ao Salitre, a cursar medicina veterinaria, e realisou todos estes estudos com tanta distincção, que ao concluir o curso era nomeado lente d'esta escóla por decreto de 23 de junho de 1845.

Extincta a Escola de Veterinaria e creado em seu logar o Instituto Agricola, Ferreira Lapa passou como já dissemos, para este estabelecimento, e ali leccionou em todas as cadeiras como ficou dito.

Ali teve por discipulos todos os veterinarios e agronomos que hoje se acham espalhados pelo paiz exercendo a sua profissão quer particularmente quer em commissões officiaes. Todos estes eram outros tantos amigos do insigne professor que hoje lamentam a sua perda como a de um amigo querido.

Muitas foram as commissões de serviço que desempenhou na sua especialidade, e a não menos importante foi a de commissario da secção agricola, na exposição de Paris de 1878, de que publicou um importante relatorio.

A sua bagagem scientifica representada nas obras que deixou, é importante pela quantidade e qualidade, affirmando o seu continuo estudo. Essas obras são: *Compendio Popular de Physica e Chimica applicadas á Industria*; *Memoria sobre o estudo agronomico, commercial e chimico dos trigos portuguezes reduzidos a 29 typos vulgares*; *Technologia rural ou artes agricolas e florestaes*; *Chimica agricola ou estudo analytico dos terrenos, das plantas, e dos estrumes* e *Relatorio de agricultura na exposição universal de 1878*.

Alem d'estes livros ha a notar os seus discursos annuaes feitos na abertura das aulas, que correm impressos e a grande variedade de artigos de vulgarisação dispersos em varias publicações e principalmente no *Archivo Rural*, de que elle foi um dos fundadores com Moraes Soares e Silvestre Bernardo Lima.

João Ignacio Ferreira Lapa tinha o posto honorario de capitão que lhe pertencia como lente que foi da antiga Escola de Veterinaria. Era socio effectivo da Academia Real das Sciencias, membro correspondente da Sociedade Veterinaria do Departamento do Sena e da Sociedade Agricola do Porto, socio honorario da Real Associação Central de Agricultura Portugueza, socio honorario da Associação Commercial Portuense, socio honorario da Sociedade de Agricultura Michaelense, commendador da ordem de S. Thiago do Merito Scientifico Litterario e Artistico, cavalleiro da Ordem de Christo e par do reino; era agraciado com a carta do conselho.

Todas estas honras e distincções as alcançou pelos seus meritos reaes, conquistando-as com o seu trabalho incessante, que mais do que a elle, aproveitou ao seu paiz.

São justas todas as homenagens que se prestem a um homem d'esta grandeza moral, e só sentimos que a nossa seja a mais humilde.

Caetano Alberto.

AS NOSSAS GRAVURAS

CENTENARIO DA DESCOBERTA DA AMERICA POR CHRISTOVÃO COLOMBO

A Caravella Santa Maria e as festas de Huelva

A proxima exposição universal de Chicago fez nascer a idéa de celebrar o quarto centenario da descoberta da America por Christovão Colombo. Principiou pelo desejo que a commissão executiva da exposição teve de reunir n'aquelle certamen algumas recordações colombinas, o que levou a mesma commissão, em abril de 1890, a apresentar ao governo americano um projecto para se fazerem umas caravellas semelhantes as que primeiro atravessaram o Atlantico capitaneadas por Christovão Colombo, na sua viagem de descoberta da America.

O projecto foi bem acolhido pelo governo e este encarregou o sr. Curtis de lhe dar execussão, o qual partiu para Hespanha a proceder aos estudos necessarios para esse fim.

O governo hespanhol, abraçando aquella idéa, nomeou uma commissão de officiaes de marinha e de archeologos, para coadjuvar o sr. Curtis, e mais resolveu que uma das caravellas, a *Santa Maria*, fosse construida em Hespanha por conta do Estado, acordando o governo da America em construir por sua conta as outras duas caravellas *Niña* e *Pinta*.

A caravella *Santa Maria* foi construida no arsenal de Carraca, segundo os melhores documentos historicos e ahi está representada em a nossa gravura, na occasião em que largou do porto de Cadiz para o de Huelva.

Mede entre perpendiculares 22,60 metros e da ponta do gorupez ao extremo da poupa 29,10, com 1,82 de calado.

O casco pesa 127 toneladas, tem cinco cobertas, arma tres mastros, o grande, o do traquete e o da mesena, sendo o peso total da armação 1,311 kilogrammas. A superficie total do velame é de 466 metros. A sua artelheria consta de oito pequenas peças semilhantes as de então.

Deu-se principio á construcção da caravella *Santa Maria* no dia 23 de abril, d'este anno e deitou-se á agua no dia 26 de junho, com grande solemnidade.

No dia 31 de julho sahiu a caravella *Santa Maria*, do porto de Cadiz, a reboque do vapor *Joaquim Pielago* da Companhia Transantlantica, comboiada pela esquadrilha hespanhola, commandada pelo general Beranger, ministro da marinha que ia no *Legazpi*, e pelos navios de guerra e mercantes estrangeiros que se achavam n'aquelle porto, dando entrada no porto de Huelva na tarde do mesmo dia.

Realisaram-se então em Huelva as mais enthusiasticas demonstrações de regosijo, que toda a imprensa hespanhola refere, e na *Ilustración Española y Americana* se nos depara o seguinte periodo do seu distincto chronista sr. Bremón, que dá uma perfeita idéa do que se passou em Huelva, nos primeiros tres dias d'este mez.

«No dia 1.º celebrou-se em Huelva uma missa campal, ás oito horas da manhã, a que assistiram o ministro da marinha, auctoridades, chefes e officiaes das esquadras estrangeiras e hespanhola, Sociedade Colombina e as forças militares de cavallaria e infanteria, guarda civil e carabineiros enviados de Sevilha para fazer as honras e que desfilaram em frente do molhe; depois o ministro da marinha visitou as esquadras estrangeiras. As saudações, as aclamações e os hymnos de todos os paizes atroavam o porto e davam á festa gran-

de animação. No dia 2 sahiu a *Santa Maria* á vella com rumo a Palos, e no dia 3 pela manhã verificou-se a cerimonia commemorativa do levantar ferro de Colombo e dos seus companheiros em busca do desconhecido, cerimonia commovedora, imponente, grandiosa, que descrevem de diverso modo os correspondentes, segundo o ponto de vista donde a presenciaram, porém todos enthusiasmados e agradecidos, ás nações que acudiram apparição da caravellasinha disparando as suas bombardas entre os formidaveis navios da marinha moderna: o fluctuar das bandeiras hespanholas, mexicanas e argentinas, italianas, portuguezas e anglo-americanas, e os pavilhões da Inglaterra, França, Austria e Holanda; as tripulações subidas ás vergas, soltando hurras, vivas e acclamações em todos os idiomas; o canhão servindo de acompanhamento ás vozes dos marinheiros. Em tempos

Portugal fez-se representar n'esta solemnidade maritima, pelo Couraçado *Vasco da Gama*, que sahiu expressamente de Lisboa para tomar parte n'essa festa grandiosa a que concorreram quasi todas as nações enviando os seus melhores navios de guerra.

E' assim se celebrou o 4.º centenario da partida de Christovão Colombo para o descobrimento da America, em 3 de agosto de 1492.

CENTENARIO DA DESCOBERTA DA AMERICA POR CHRISTOVÃO COLOMBO

A CARAVELLA «SANTA MARIA», NO PORTO DE HULEVA NO DIA 3 DO CORRENTE

á festa, e orgulhosos do tributo rendido á insignia da patria, que n'aquelle instante representava não só a Hespanha de hoje, senão todas as republicas hispano-americanas e os Estados Unidos, o mesmo que dizer a Hespanha, Italia e America, reunidas pelos laços moraes de origem e da historia. Dia glorioso, festa naval inolvidavel, que barre da idéa todas as luctas de quatro seculos, e faz que as machinas de guerra fabricadas para a lucta se convertam em instrumentos de festa e cortezia, em que todas as nações celebram um progresso humano que a todos os povos honra e favorece. Não descreveremos, sem o havermos presenciado, o effeito que devia produzir em a manhã de 3 a de maior crudulidade se haveria affirmado que se vira sahir d'entre as aguas Christovão Colombo para tomar o commando da sua nau e os officiaes, marinheiros e soldados para occupar cada qual o seu antigo posto e devolver aquellas honrosissimas saudações. Dia memoravel que faz palpitar agitado o coração, e espectaculo sublime de que diz uma testemunha presencial, que dava vontade de chorar. E devia dar, principalmente os vivas expressivos e freneticos que sahiam da *Zaragoza* e dos navios que arvoravam bandeiras americanas. pois eram abraços de irmãos separados pelo tempo e pela distancia, encontrando-se em logar sagrado e glorioso para todos.»

A PRIMEIRA JOIA

QUADRO DE B. PUC

O quadro que apresentamos aos nossos leitores é da escóla allemã e de um dos mais festejados pintores.

O motivo d'este quadro é uma gentil aldeã, tão formosa quanto joven, a quem a primeira joia, um anel enviado pelo seu namorado, lhe produz a mais suave e alegre contemplação, lisonjeando o seu espirito de mulher.

E' esta a intenção do quadro, que o auctor realisou com felicidade como se vê da gravura, que impressiona agradavelmente.

A PRIMEIRA JOIA, Quadro de B. Puc

AMAZONAS

Casa dos sr.s Costa & C.a no Rio Madeira

A vista que hoje aqui apresentamos representa a casa dos sr.s Costa & C.a no ponto militar do rio Madeira.

Junto á casa, n'uma barranca, ve-se um pequeno jardim ornado de varias flores e arqueando perto das janellas, por parreiras e outras trepadeiras de varias flores mimosas de variadas cores.

Ao fundo do quintal corre o rio Madeira, caudaloso quando nas enchentes, serpenteando os rochedos que se acham entremeados no leito do rio, e que são o terror dos navegantes ao passarem em suas canoas por entre aquelles abysmos.

Este logar não tem mais moradores do que o destacamento militar que guarnece o Porto, e dois negociantes, os quaes vivem, por assim dizer, separados do mundo, pois que apenas tem communicação e noticias de gente civilisada, de mez a mez, que é quando alli atraca o vapor do Pará, levando carga para a Bolivia, Matto Grosso e Cachoeiras do Madeira, em cuja occasião ahi vem tambem d'aquellas longiquas paragens, os commerciantes com suas canoas buscal-as

Por aqui se communica com o estado de Matto Grosso, ha pouco revoltado.

O governo brazileiro mandou ali alguns navios de guerra e tropa para pacificar aquelle estado, porém com grande dificuldade, por quanto, aquelles navios tendo de entrar pelo rio Paraguay, tiveram que supportar forte resistencia ao seguirem por aquellas estreitas vias floviaes, encontrando junto ao rio Mondego, o forte de Coimbra, costeando os rochedos que se acham entermeados no leito e margens do rio, e que são o terror dos navegantes.

Por aqui, como dissemos se vae pelo rio a Matto Grosso, entrando depois, pela margem direita no rio Guaporé.

São terrenos abundantissimos de mineral, encontrando-se ahi muito ouro, prata e pedras preciosas.

O Posto militar do rio Madeira é fronteira do estado de Matto Grosso com o do Amazonas.

Nada mais de notavel tem este ponto, que a casa d'aquelles nossos amigos, na realidade elegante attendendo ao sitio onde está, parecendo uma casa de campo do nosso Portugal transportada aos sertões do Amazonas, e onde encontramos no jardim e horta muitas plantas europeas, ahi tratadas com todo o esmero.

B. C. S.

Uma tourada no Campo Pequeno ha 132 annos

Eram 31 de agosto de 1760.

N'esse dia iam ser lidados em Lisboa dezoito touros de morte. Não eram muitos, diga se a verdade, porque em algumas touradas do seculo XVII, em uma tourada real, pelo menos, chegaram a ser corridos trinta, que tambem todos foram mortos á espada

A praça dos touros no Campo Pequeno, construida de madeira, e formada por dez lados, media duzentos e cincoenta passos de diametro, e era, portanto, sufficientemente espaçosa. As trincheiras, como de costume, estavam dispostas em amphitheatro, tendo por cima grandes camarotes que acommodavam cada um mais de doze pessoas.

Assistia ao espectaculo a familia real.

D. José I estava n'um camarote, e n'outro a rainha D. Mariana Victoria Por causa do calor, que era muito, o soberano vestia singellamente de seda azul, sem guarnições de ouro ou prata, e abanava-se com um leque. Ao lado do rei via-se o infante D. Pedro, seu irmão, casado de fresco com sua sobrinha, a princeza do Brazil, que depois foi D. Maria I.

A rainha tinha junto de si a herdeira do throno e as infantas D. Mariana, D. Maria Francisca e D. Maria Benedicta.

Junto do camarote de el rei não se via sequer um guarda. Apenas debaixo do palanque da rainha estava firme e immovel no seu cavallo uma certa personagem mascarada com uma delgada e comprida vara na mão. Era o *neto*.

Fóra tão numerosa a concorrencia de povo que chegou a invadir o circo, onde havia talvez duzentas pessoas quasi todas sentadas no chão. Mas quem percorresse com o olhar o vasto ambito da praça não veria, a bem dizer, senão homens, porque as mulheres não passavam de cem. Nos camarotes os espectadores tinham para sentarse mochos muito incommodos, e, cá em baixo, nas trincheiras, alguns se viam encostados a ellas, como sempre foi moda, e outros assentados

Logo que o rei assomou na tribuna, entraram na arena, tirados cada qual por seis muares, dois carros triumphaes, por signal muito mal feitos e sem nenhum adorno. Um d'elles conduzia oito maráus, entrajados de guerreiros da Mourama, e o outro tambem oito vestidos de guerreiros da India. Feitas algumas corridas a toda a brida, os mouros e os indios atiraram se abaixo dos carros, e, depois de uma briga curta e bastante chula, em que os oito indios ficaram estendidos por mortos pelos valentes negros, armados de espadas de pau, uns e outros, negros vivos e indios mortos, desataram a correr para um canto da praça, soltando estrepitosas risadas, e cedendo o logar a dois cavalleiros que deviam picar os touros, e que, vestidos á hespanhola, com plumas no chapéo, avançavam nos seus magnificos cavallos, galhardamente ajaezados. Um trajava de amarello, de carmezim o outro.

Terminadas as cortezias defronte dos camarotes do rei, da rainha, e em volta de toda a praça, animados os dois campeadores pelos applausos geraes, foi um d'elles collocar-se deante da porta do touril, emquanto o outro partia a galope para o lado opposto.

Aberta a porta por um moço, que ao fazel-o se cobriu com ella, eis um touro que em tres saltos se arremessa sobre o cavalleiro vestido de amarello, que está esperando de rojão em punho o enfurecido animal. Nas corridas do seculo XVIII, e já nas dos seculos anteriores, o rojão substituira a ascuma das touradas da edade média. Escusado observar que elle se embebeu logo no cachaço do touro, fazendo o cavalleiro com muita destreza desviar o seu ginete, para evitar as pouco temerosas armas do animal, que estava embolado. Sentindo se ferido, o boi corre furioso pela praça, e o cavalleiro, seguindo-o e cercando o, quando elle de novo se lhe apresentou em frente, com outro rojão lhe atravessou a cerviz. Então a fera, fugindo d'elle, investiu com o cavalleiro trajado de carmezim, que se defendeu com o seu rojão, emquanto o de amarello, desembainhando uma grande espada, descarregou no desesperado animal um golpe tão certeiro e com tanta força entre as costellas, sobre a espinha, que o fez cair quasi de costas, derramando muito sangue.

Apenas se viu o touro prostrado, muitos toureiros de pé lhe saltaram em cima e, agarrando-o pelas pontas, o crivaram de punhaladas. Immediatamente o neto partiu a galope para uma porta fronteira ao camarote da rainha, e logo entrou na praça um carro puxado por quatro mulas, que levaram d alli o touro ainda agonisante.

Uma das sortes que muito agradou n'esta corrida do Campo Pequeno foi a de um capinha que, segurando com a mão esquerda a cauda de um dos cavallos, e tendo na direita uma capa, ia sempre correndo sem largar o cavallo, provocando o touro, o qual arremettia, ora ao capinha, ora ao cavalleiro, que o feria em cheio ou de raspão, quando elle se approximava, e o caso é que, volteando com inexprimivel destreza, conseguiam ambos escapar á furia do animal.

Outro episodio, que despertou enthusiasmo delirante, foi um touro que, espantado e perseguido pela descomposta gritaria dos indios e dos negros, e dos toureiros de cavallo e de pé, saltou á trincheira dos espectadores, o que deu causa a horrivel desordem. Comtudo, decorreram apenas instantes emquanto o misero animal foi agarrado e morto a golpes de espada, alli mesmo nos degraus do amphitheatro, e levado em seguida pelas mulas para fóra da praça.

Algumas garrochas tinham ao alto bombas e valverdes. Depois de cravadas no touro, quando o fogo começava a esfusiar e a queimar, o bicho parecia louco e dava pulos assombrosos. E, quando as bombas explodiam e as chammas e o fumo se ennovelavam nas roscas do pescoço, dir se-hia que o touro estava realmente endemoinhado, promettendo não ter fim o clamor e a alegria dos barbaros circumstantes.

Viu-se um negro parar intrepidamente deante de um d'esses touros, e, quando elle abatia a fronte para o ferir, saltar-lhe no dorso, ligeiro como um passaro, e, fazendo uma imperfeita cabriola, cahir do outro lado são e escorreito.

Outro negro agarrou com a mão esquerda uma das pontas de um touro, e, arrastado por elle com furia desmarcada, ia comtudo incolume, e com a direita dava lhe muitas punhaladas no focinho. E, quando lhe pareceu, deixou-se cahir suavemente para um canto da praça, sem receber o minimo damno.

Mas o successo mais importante occorrido n'essa tourada, que é, por assim dizer, o seu colorido verdadeiro e natural, e lhe imprime um cunho genuinamente historico — pelo qual devemos ser gratos a um italiano celebre, José Baretti, que, ha perto de seculo e meio, via pela primeira vez *la festa de' tori*, na praça do Campo Pequeno, e a que elle proprio chama *il meglio capitolo di questa bella storia* — foi o que em seguida vamos narrar, seguindo fielmente, como até agora temos feito, as suas interessantes informações.

Acabava de ser corrido e morto o oitavo ou nono touro, quando na trincheira da banda onde estava o rei se levantou immenso rumor, e centenares de pessoas, no meio da mais espantosa confusão, principiaram a saltar para a praça e a correr, atropellando-se, para o centro d'ella, como se um incendio pavoroso ameaçasse devorar rapidamente aquella tosca fabrica de madeira. Surprehendidos, os espectadores do lado opposto perguntavam a gritos pela causa de tamanho e subito alvoroto; mas os clamores dos que se lançavam á praça e dos que já lá estavam, bem como a gritaria dos outros que queriam saber por força o motivo de tão grande reboliço, só podem ser comparados, ainda que mal, a um hospital de doidos; pois quem perguntava e quem respondia empregava bem o seu tempo a perguntar e a responder! Nem chegariam a perceber se, se alli rebentassem, os trovões dos Alpes e dos Andes!

Durou um quarto de hora essa tormenta insupportavel e horrorosa. E, se não fossem os acenos que o rei fazia com o leque, e os gestos que a rainha, a princeza e as infantas, todas debruçadas do camarote, faziam da mesma sorte e para o mesmo fim com as mãos, ninguem poderia prever como tudo aquillo acabaria. Finalmente, veiu a saber-se que algumas pessoas nas trincheiras tinham gritado: *Terremoto!* e a essa voz, a mais terrivel que podia então soar a ouvidos portuguezes, a essa voz que recordava os horrores da tremenda catastrophe que, cinco annos antes, arrazara Lisboa, todos se arremessaram das trincheiras com medo que viesse abaixo a fila dos camarotes com toda a gente que havia lá, deixando os ficar n'um bolo.

E logo tambem correu ter sido aquelle grito perfidamente dado por alguns malandrins e larapios, que, havendo de subito espalhado a confusão entre os espectadores, furtaram muita cousa que elles, com a pressa, tinham deixado ficar nos bancos da trincheira.

Por onde se vê que já n'aquelle tempo os bancos serviam á maravilha a quem queria viver com pouco ou nenhum trabalho!

Não faltavam ratoneiros; — *i ladroncelli lusitani*, como Baretti se exprime.

Alberto Telles.

OS AUTOGRAPHOS DE CHRISTOVÃO COLOMBO

V

(Continuado do n.º antecedente)

Eis a carta regia passada a Christovão Colombo pelo rei de Portugal D. João II, dando-lhe todas as seguranças para que possa vir a estes reinos, e n'elles permanecer todo o tempo que desejar sem que soffra incommodo, seja por quem fôr e por qualquer motivo:

«Ao nosso especial amigo Christovão Colombo.

«Nós D. João, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor da Guiné, vos envio muito saudar.

«Vimos a carta que nos escreveste e a boa vontade e affeição que por ella mostraes terdes ao nosso serviço. Muito vos agradecemos.

«Quanto á vossa vinda cá, de certo, assim pelo que apontaes, como a outros respeitos, em que a vossa industria e bom engenho nos serão necessarios, nós a desejamos muito, e, pelo que vos diz respeito, tudo se dará de modo que fiqueis contente.

«E porque mostraes algum receio das nossas justiças pela razão de alguns casos a que sejaes obrigado, Nós, por esta nossa carta, vos asseguramos boa vinda, segura permanencia e regresso, sem que possaes ser preso, retido, citado, apprehendido nem denunciado por cousa alguma, quer esta seja civil, ou criminal, ou de qualquer qualidade.

«E por esta Carta mandamos a todas as nossas justiças, que assim a cumpram.

«E, portanto vos rogamos e recommendamos que a vossa vinda seja em breve, e livre de todo

e qualquer receio; agradecendo nós outrosim essa vinda e a temos muito em nosso serviço.

«Escripta em Avis aos 20 de março de 1488 — El-Rey.»

É preciso que se note que já antes d'esta carta regia Christovão Colombo havia estado em Portugal e tinha feito propostas a el-rei D. João II para o seu emprehendimento. O monarcha havia mandado ouvir os cosmographos mais distinctos do reino, mas estes, estribados na sua alta sapiencia, taxaram o projecto de Colombo de chimerico e estravagante. N'uma segunda conferencia com alguns prelados estes tambem condemnaram como absurdo e impraticavel o projecto de Christovão Colombo, mas o conde de Villa Real provou que esse projecto se podia pôr em execussão, e que, a realisar-se, o valor portuguez, que já tanto havia feito tremer os povos da Africa, iria repercutir-se na Asia, e que a nossa gloria ficaria sem rival submettendo os orientaes, facto que encheria além d'isso Portugal de gloria e de riquezas.

Diz um historiador estrangeiro que el-rei ia a acceder aos desejos de Christovão Colombo, quando um cortezão lhe aconselhou um extratagema odioso, que consistiu em entreter com promessas o prepoente e mandar secretamente um navio para que el-rei se assegurasse da realidade das theorias de Christovão Colombo. Diz mais o mesmo historiador que o genovez foi convidado a fornecer ao conselho todos os seus documentos, planos e cartas, e que este, munido d'essas indicações, mandou partir uma caravella a pretexto de se ir colonisar as ilhas de Cabo Verde, mas na realidade para seguir a derrota indicada nos papeis de Christovão Colombo. Accrescenta que essa caravella navegou por alguns dias para o oeste, quando de supito uma tempestade veiu aterrar toda a tripulação, vendo-se esta no mar alto, tendo ante si um oceano mysterioso e desconhecido, cujas vagas encapelladas pareciam afundal a nos horriveis abysmos. Apavorados os portuguezes, retrocederan, regressando a Lisboa, alcunhando de ridiculo e de impossivel o projecto de Christovão Colombo.

O genovez teve de sahir de Lisboa, não só por se achar descorçoado, ao vêr a maneira como eram recebidos os seus offerecimentos, senão tambem por ter contrahido dividas que não podia satisfazer, pendendo sobre elle uma acção judicial. Parece que este ultimo facto vem de alguma sorte justificar todas as seguranças que em resposta a uma sua carta (que ficou inedita e suppômos que desconhecida) el-rei lhe promettia em quanto elle permanecesse n'estes reinos.

Seja porém como fôr, o que não deixa duvida é que Christovão Colombo voltou a Portugal, entrando em Lisboa no dia 6 de março de 1493, no regresso da sua primeira viagem, vindo triumphante do seu descobrimento das Antilhas.

A narrativa que elle fez a el-rei do que lhe havia succedido, a historia dos seus descobrimentos, incluindo a descoberta d'aquella formosa *Cipango* de que fallava Marco Polo, o ouro a rôdo que elle apresentou, as finas e exquesitas especiarias, as drogas estranhas e nunca vistas, os especimens da fauna e da flora d'aquelles continentes, que elle suppunha serem da Asia occidental, os seus chamados *indios*, tudo causou a mais extraordinaria sensação na côrte, dando assumpto a largas discussões e contraversias entre aquelles mesmos homens da sciencia que alguns annos antes haviam tido como chimericos os seus sonhos de travessia das insondaveis solidões do oceano, d'esses sonhos que o puzeram ao capricho das vagas e caminhando para o desconhecido... talvez para a morte!

Christovão Colombo foi graciosamente recebido e escutado com a maior attenção e curiosidade pelo rei de Portugal e toda a côrte, e muito felicitado pelo feliz resultado do arrojado emprehendimento. Mas, logo que o bravo genovez seguiu para Hespanha, D. João II, suppondo que todas aquellas ilhas descobertas pertencessem ás conquistas de Portugal, tratou logo de armar uma esquadra para que esta fosse explorar e tomar posse, immediata e solemne, em seu nome, das novas terras tão pomposamente descriptas pelo intrepido navegador posto ao serviço da Hespanha. (1).

Foi por essa occasião que se travou o conflicto entre esses dois poderosos estados europeus ácerca da prioridade e posse dos longiquos paizes descobertos, mas o papa Alexandre VI encarregou-se de deitar agua na fervura. Por bulla de 3 de maio de 1493 concedeu elle aos reis de Hespanha os mesmos direitos, privilegios e indulgencias com relação ás regiões recentemente descobertas, ás que em tempo já haviam sido concedidas aos portuguezes pelos seus descobrimentos na Africa; mas sob a mesma condição, isto é, de n'esses descobrimentos se propagar a religião catholica.

Em uma outra bulla, datada de 25 de setembro do mesmo anno, o mesmo pontifice tratou de dividir o mundo desconhecido pelas duas nações, e traçou a famosa *linha de demarcação*, tirada d'um polo a outro polo, e passada a cem leguas ao poente dos Açores (370 milhas) e das ilhas de Cabo Verde (as antigas *Hesperides*). Concedeu aos portuguezes todos os paizes que elles podessem descobrir ou conquistar a leste d'essa linha imaginaria e adjudicou á corôa de Hespanha todas aquellas terras que ella descobrisse ou conquistasse ao oeste da mesma linha [1].

Já se vê que essa linha ideal, que dizem ter sido suggerida pelo proprio Christovam Colombo, de nada serviu para as duas nações rivaes, que proseguiram no caminho dos descobrimentos conforme melhor lhes aprouve, chegando mesmo a haver novos desaguisados por causa dos descobrimentos do Brazil e das Molucas [1].

Bartholomeu Dias já a esse tempo havia descoberto o famoso *Cabo das Tormentas* (1486) nome que lhe pôz em razão dos perigos e tormentas que passara em o dobrar e que el-rei D. João II mudou em *Cabo da Boa Esperança* pela probabilidade que esse arrojo nautico offerecia a outro maior e mais perigoso: a descoberta do caminho das Indias pelo oriente, ou, para melhor dizer, as Indias orientaes, o que effectivamente aconteceu em 20 de maio de 1498, por Vasco da Gama.

(Continua). *Silva Pereira.*

OITO DIAS NO ALEMTEJO

NOTAS DE VIAGEM

X

(Continuado do n.º antecedente)

Sahimos de Portalegre para Castello de Vide ás 11 horas da manhã.

Os madrugadores de Portalegre tinham-nos assustado muito com a hora escolhida para a partida.

— Que era muito tarde! diziam, que iamos apanhar um calor enorme pela estrada! que deviamos partir antes de nascer o sol.

Oppuz uma resistencia tenaz, heroica, invencivel a esse conselho.

Ao caminho de ferro não tinha tido outro remedio senão obedecer, mas ali mandava eu, e acima de todo o incommodo que me désse o calor estava o incommodo que me dava a madrugada.

Por isso deixei fallar todos os meus amaveis conselheiros, dormi muito socegadamente a minha noite sobre a festa brilhante que a amabilidade gentilissima dos portalegrenses tinha feito da primeira recita do *Commissario*, prohibi expressamente que me accordassem pela manhã, e era perto de dez horas quando abri os olhos.

Almocei e almocei deliciosamente, umas migas á alemtejana, prato com que pela primeira vez travara conhecimento, e que o Dominguinhos, o dono do Hotel, fizera elle proprio, n'essa manhã da minha despedida e puz-me a caminho, com a minha familia, e o Rebollo o nosso bello companheiro, o nosso impagavel cicerone na nossa viagem pelo Alemtejo.

O caminho de Portalegre a Castello de Vide é lindissimo, principalmente o caminho pela serra de Marvão, aquelle por onde fomos.

Quando sahimos da cidade o calor era enormo e realmente começámos a ter certo medo d'aquella jornada debaixo do sol ardentissimo, cujos raios escaldavam como ferro em brasa, mas o Rebollo tranquillisou-nos a esse respeito.

— Não tenham receio do calor, disse nos elle, em principiando a subir a serra já o calor se vae embora.

E assim foi.

A meio da serra de Santo Antonio já não sabiamos o que era calor: soprava uma brisa fresca agradabilissima, que nos acompanhou até ás Escaleiras da Escusa por entre alas dos gigantescos castanheiros que corôam a Serra de Santo Antonio e os montes que formam a cordilheira de Marvão.

A ascenção até lá acima é muito demorada: bom caminho, mas uma enorme subida que as mulas dos nossos dois carros galgavam devagar, mas com passo firme, seguro, de quem está muito habituado aquelles passeios.

O cocheiro do carro em que ia era um typo curioso de cocheiro—um homem magro, de côr terrea, cara pequenissima, que mais pequena parecia ainda por causa dos enormes occulos azues, de vidros concavos, com que resguardava da luz intensa do sol do meio dia, os olhos atacados d'uma ophtalmia que mal o deixava ver as mulas que guiava.

Muito attencioso, muito delicado, como aliás encontrámos sempre os cocheiros alemtejanos, até meio do caminho o homem dos occulos azues foi nos respondendo a todas as perguntas com que o crivávamos a respeito dos logarejos e dos edificios, que iam apparecendo a cada momento ao longe, e bordando o enorme panorama que á proporção que iamos subindo se ia desenrolando aos nossos pés: mas de certo ponto em diante as suas respostas, as suas informações, cessaram.

Interrogavamol o e elle moita.

Estranhámos o caso. Não era verosimil que a delicadeza até então irreprehensivel do pobre homem se tivesse esgotado de repente.

A delicadeza não se esgotara, mas o somno é que o vencera.

Havia duas noites e dois dias que o pobre homem não pregava olho, andando permanentemente em serviço, e finalmente o somno levava agora a melhor.

Esse melhor é que não era muito bom para nós, sobre tudo n'aquelle momento em que, chegados ao alto da serra, o caminho começava a ser accidentado; aqui uma grande rampa a descer, ali uma grande rampa a subir, esses recortes de terreno que fazem a belleza das montanhas, vistas a distancia.

E então começou para nós um trabalho novo — o de accordar o cocheiro, mas de accordal o de modo que elle não percebesse que nós tinhamos dado por elle dormir, para o não envergonharmos a elle coitado, que tão delicado e attencioso era com a gente.

O homem accordou, mas d'ahi a nada estava outra vez a cabecear com somno, e o demonio das lunetas azues sem nos deixarem ver lhe os olhos, e as nossas pequenas cheias de medo de irem pela estrada fóra, por um caminho cheio de ribanceiras que se podiam d'um momento para outro tornar em verdadeiros abysmos, com um cocheiro a dormir.

Não havia senão um meio: conversar com o homem, dar lhe cavaco, mas cavaco que o interessasse, que o prendesse, que o obrigasse a responder-nos, e aqui vamos nós a dar tratos á imaginação, a puchar por toda a nossa insignificantissima sciencia de cavaqueador para entreter o cocheiro, para o espertar.

Não era facil a empreza, mas sempre o conseguimos, e o homem lá espertou. E ainda bem que espertou porque iamos a entrar n'um caminho, talvez o mais bello da serra, mas com certeza o mais serio. E' quando se avista muito proximo Marvão, com o seu castello que parece um ninho de aguias, quando se vêem voar os milhafres por baixo de nós, e lá no fundo um valle enorme, todo cheio de grandes penhascos, por entre os quaes brotam jorros d'agua, um panorama magestoso, formosissimo, mas que tem o seu que de infernal, que faz pensar em algumas d'aquellas extranhas e satanicas gravuras de Gustavo Doré para a Comedia Dantesca.

Ahi, a queda d'uma mula, o desvio d'uma roda, podia ser uma catastrophe medonha.

Felizmente ao cocheiro passára-lhe de todo o somno, enchera-se da gravidade da sua missão, e o carro desceu até ao fundo do valle, com uma rapidez vertiginosa, mas com uma certeza, uma segurança, que faziam honra á mão de redea do homemsinho dos occulos azues, e desfaziam qualquer sombra de medo.

Logo ao chegar abaixo á planicie, achamo-nos n'um largo muito pittoresco com um egrejinha ao fundo.

Essa egrejinha é a egreja de S. Salvador, a primeira freguezia de Castello de Vide.

—Estamos em Castello de Vide, disse-nos o Rebollo com a alegria de quem se achava em sua casa.

Elle a dizer isto, e o trem a parar, e a correrem para nós de braços abertos quatro cavalheiros que dias antes tinhámos conhecido em Portalegre.

(Continúa). *Gervasio Lobato*

(1) Foi nomeado chefe d'essa esquadra, D. Francisco d'Almeida, filho do conde de Abrantes, mas a frota não chegou a sahir, em vista dos protestos de Hespanha.

(1) Esta concessão pontificia, arbitraria e singular, fez dizer a Francisco I de França que desejava ver o testamento em que o pae Adão o excluira da herança universal.

REVISTA POLITICA

Começaram a apparecer as reformas que este ministerio se propoz fazer no sentido de realizar economias e melhorar os serviços, principiando pela reforma administrativa, a que já nos referimos na nossa ultima revista, e que está sendo criticada muito desfavoravelmente por parte da imprensa politica, e seguindo-se agora a reforma dos serviços da marinha publicada no *Diario do Governo* e feita pelo respectivo ministro o sr. Ferreira do Amaral, nome glorioso que até hoje não desmereceu dos seus antigos creditos e antes os tem augmentado com a excellente administração que tem feito no ministerio da marinha.

A reforma cria o almirantado onde faz convergir toda a administração das differentes repartições de marinha e que com a marinha tem relação, extinguindo algumas d'aquellas repartições, e pondo sob a immediata direcção e responsabilidade do almirantado todos os serviços que até aqui corriam sob diversas responsabilidades, o que occasionava não poucas irregularidades e confusões.

Sem ferir nenhum dos direitos adquiridos, esta reforma consegue melhorar consideravelmente a administração do ministerio da marinha, realisando desde já uma economia superior a 20.000$000 réis e permittindo maior economia futura.

Só um ministro perfundamente conhecedor da administração que tem a seu cargo como o sr. Ferreira do Amaral é que podia realisar uma reforma assim, a qual revela ao mesmo tempo a independencia e rectidão do reformador.

Mas infelizmente nem tudo são rozas n'este *jardim da Europa á beira mar plantado*. Crescem por cá muitas plantas erriçadas de espinhos, e n'estes casos está uma desgraçada questão que se levantou com respeito ás garrafas, questão que não devia passar dos dominios adoaneiros e industriaes, mas que afinal foi envenenada pela politica, por essa peste desmoralisadora que em tudo se mette desde que n'este paiz se fazem eleições.

E não se pense que se trata de garrafas cheias de vinho generoso ou zurrapa relles que subisse á cabeça de alguem, de capilé refregerante que fosse desputado com sedencia n'estes dias de calor que nos tem abrazado, nem mesmo com agua de Loéche propria a produzir certas pertubações internas.

Trata se simplesmente de garrafas vasias, tão vasias como as arcas do thesouro publico, e isto de garrafas vazias antes das eleições é para admirar, porque o contrario não surpreenderia ninguem.

Trata-se da industria nacional garrafeira em lucta com o commercio da exportação de vinhos. Trata-se que o referido commercio, o do norte, protestou contra os direitos impostos na nova pauta ás garrafas estrangeiras, no sentido de proteger as garrafas nacionaes, alegando que esses direitos lhe lezavam grandemente os seus interesses.

Trata-se que a industria garrafeira nacional defende aquelles direitos, como protecção ao seu trabalho e defende-os com fundada justiça porque são insignificantes e de pouco valor para o grande commercio de vinhos de exportação que ainda assim em breve tempo se veria livre d'elles, porque a industria nacional tambem em breve tempo estará nas condições de competir vantajosamente com as garrafas estrangeiras, como já hoje compete com as inglezas, francezas e hespanholas.

N'esta lucta empenhou-se a Associação Industrial de Lisboa, mas afinal a solução que o governo deu foi contraria á industria nacional e favoravel aos commerciantes de vinhos do Porto para exportação, mandando, por assim dizer restabelecer o antigo regimen pautal para o artigo de que se trata, e que era justamente contra que mais reclamavam os industriaes garrafeiros pelos abusos a que dava logar.

A este respeito escreve o *Diario Popular*:

«Não póde negar-se que a questão das garrafas, ao principio de mera lucta de interesses, tomou uma feição bastante grave de caracter politico, que não póde disfarçar-se e que nos parece merecer disvelada attenção dos poderes publicos. Não correm os tempos para questões d'estas. Devemos primeiro que tudo dizer, embora já fosse escusado, que a nosso ver é a Associação Industrial Portugueza que tem razão e completa razão. Esta desgraçada questão nem seria levantada por parte dos industriaes, se não fôra o escandaloso contrabando feito no Porto. Pelo menos, de uma casa d'aquella cidade é publico e notorio, que vendia centenas de milhares de garrafas estrangeiras, não só nas provincias do norte mas até no centro do reino, sem que nunca tivesse por ellas pago direitos de importação. Publico e notorio é tambem que alguns individuos do Porto sempre e tenazmente se oppozeram, a que na alfandega d'aquella cidade se estabelecessem os preceitos e praticas de fiscalisação vigentes em Lisboa. Os pretextos mais cerebrinos eram invocados para evitar a fiscalisação.»

Ora o procedimento do sr. ministro da fazenda n'esta questão, não está nada de accordo com a *vida nova*, e ao contrario, é todo da vida velha, prevalecendo as influencias politicas, sem consideração pelos mais justos interesses.

Não approvamos as demasias que se deram na sessão que a Associação Industrial Portugueza celebrou para protestar contra o decreto do governo e não approvamos porque entendemos que esta corporação tem razão de mais para que caia nos excessos dos que a não tem, mas não deve desanimar na lucta, e por todos os meios legaes deve defender bem alto a justiça da sua causa.

Se ainda assim succumbir na lucta, os fabricantes de garrafas que reduzam os seus artefactos a cacos, que não lhes faltará consumo para guarnecer muros de quintaes, n'estes tempos que vão correndo.

João Verdades.

AMAZONAS — Casa dos Srs. Costa & C.ª no Rio Madeira

(Segundo um desenho do sr. B. da Costa e Silva)

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a 39